



Revista del Foro Constitucional Iberoamericano

ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

Argentina	Pág. 2
Brasil	3-4
Honduras	5
México	6
Perú	7-8



ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

ARGENTINA

Fallo de la Corte Suprema N° S. 1767. XXXVIII.

Declaración de inconstitucionalidad de las leyes 23.492 -de punto final- y 23.521 -de obediencia debida- y declaración de validez de la ley 25.779. 14 de junio de 2006.

ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

BRASIL

Supremo Tribunal Federal, Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.367

Declarou constitucional o artigo 103-B da Constituição Federal de 1988, que criou o Conselho Nacional de Justiça.

por Ubiratan Cazetta

Mestrando em Direito Constitucional na Universidade Federal do Pará

O Supremo Tribunal Federal, apreciando a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.367, proposta pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), declarou constitucional o artigo 103-B da Constituição Federal de 1988, que criou o Conselho Nacional de Justiça.

A alteração integra a Emenda Constitucional nº 45 (ver FCI nº 8), chamada de Reforma do Judiciário, e criou um órgão destinado ao controle da atuação administrativa e financeira do Poder Judiciário e do cumprimento dos deveres funcionais dos juízes.

Os argumentos da AMB para discutir a constitucionalidade da criação do Conselho Nacional de Justiça apontavam a indevida interferência no âmbito do Poder Legislativo, afrontando a separação dos poderes (uma vez que parcela dos membros do CNJ seria composta por membros do Ministério Público, advogados e por dois cidadãos indicados pelo Poder Legislativo) e a quebra do princípio do federalismo, pois o CNJ teria natureza federal e estaria exercendo seus atos também sobre o Poder Judiciário dos Estados-membros.

O relator da ação, Ministro Cezar Peluso, em extenso voto, afastou as impugnações feitas pela AMB, sustentando que não haveria rompimento do princípio da separação dos Poderes, já que “a independência suporta, na sua feição constitucional, teores diversos de autonomia administrativa, financeira e disciplinar. Na verdade, ela só pode ser considerada invulnerável, como predicado essencial do sistema da separação, quando concreta redução de seu âmbito primitivo importe, em dano do equilíbrio e estabilidade entre os Poderes, transferência de prerrogativas a outro deles, ainda que não chegue a caracterizar submissão política. Ou, no que concerne ao Judiciário, quando outra forma de supressão de atribuições degrade ou estreite a imparcialidade jurisdicional. Fora dessas hipóteses, nada obsta a que o constituinte reformador lhe redesenhe a configuração histórica, mediante reorganização orgânica e redistribuição de competências no âmbito da estrutura interna do Judiciário, sem perda nem deterioração das condições materiais de isenção e imparcialidade dos juízes.”

Após descrever o substrato filosófico da separação dos Poderes, o Ministro relator conclui que a indicação, por parte do Legislativo, de dois dos quinze membros do CNJ, “não pode equiparar-se a nenhuma forma de intromissão incompatível com a idéia política e o perfil constitucional da separação e independência dos Poderes”.

Após delimitar o papel a ser exercido pelo CNJ, afastou o Ministro Cezar Peluso a pecha de que a criação do Conselho Nacional de Justiça implicaria em interferência na independência judicial, eis que “a criação de um órgão com poderes de controle nacional dos deveres funcionais dos magistrados responde a uma imperfeição contingente do Poder, no contexto do sistema republicano de governo”.

Ao apreciar o argumento de que o artigo 103-B afetaria o pacto federativo, o voto vencedor demonstrou a unicidade do Poder Judiciário brasileiro, ainda que funcionalmente dividido em esferas, ressaltando que o CNJ não teria a

natureza de órgão federal, mas, sim, de órgão nacional, tal como já são o Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça.

Afastou-se, ainda, a imputação de que o CNJ constituiria um órgão de controle externo do Poder Judiciário, concluindo que este “se define como órgão interno do Judiciário e, em sua formação, apresenta maioria qualificada (três quintos) de membros da magistratura (arts. 92, 1-A e 103-B). Desses caracteres vem-lhe a natureza de órgão de controle interno, conduzido pelo próprio Judiciário, conquanto democratizado na composição por meio de participação minoritária de representantes das áreas profissionais afins”.

Adotando o mesmo entendimento, o Ministro Eros Grau, após analisar os contornos da separação dos Poderes, ressalta que “ao Conselho Nacional de Justiça não é atribuída competência nenhuma que permita a sua interferência na independência funcional do magistrado.”

A decisão foi tomada por maioria (sete votos em onze), restando vencidos os ministros Ellen Gracie e Carlos Velloso (que tinham por inconstitucionais a participação, no CNJ, de membros do Ministério Público, advocacia e cidadãos indicados pelo Legislativo), Marco Aurélio (que entendia inconstitucional todo o artigo 103-B, por afrontar a independência do Judiciário) e Sepúlveda Pertence (que restringia sua insurgência ao inciso XIII, que prevê a indicação, pelo Legislativo, de dois cidadãos).



ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

HONDURAS

[Sentencia de la Sala Constitucional de la Corte Suprema de Justicia .](#)

Recurso de inconstitucionalidad contra el artículo 345 del Código Penal (Decreto Número 144-83). 29 de abril de 2005.

Sentencia aportada por Francisco Daniel Gómez Bueso



ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

MÉXICO

Controversia constitucional 103/2003.

Asunto sobre la autonomía universitaria, promovido por el Poder Ejecutivo Federal en contra del Estado de San Luis Potosí, por conducto de los poderes legislativo y ejecutivo; con voto particular del Ministro José Ramón Cossío. 4 de abril de 2005.

Recurso de reclamación 371/2004-pl, derivado del incidente de suspensión de la controversia constitucional 109/2004.

Asunto sobre una reclamación presupuestaria, promovido por la Cámara de Diputados del Congreso General de los Estados Unidos Mexicanos.; con voto particular del Ministro José Ramón Cossío. 17 de febrero de 2005.

Sentencias y tesis aportadas por Luisa Conesa

ACTUALIDAD JURISPRUDENCIAL

PERÚ

Sentencia del Tribunal Constitucional (TC) – N.º 0041-2004-AI/TC, Acción de inconstitucionalidad interpuesta contra once ordenanzas de la Municipalidad Distrital de Santiago de Surco sobre materia tributaria, publicada en el diario oficial “El Peruano” el 14 de marzo del 2005.

Presentación, por Samuel Abad Yupanqui:

Uno de los temas más sensibles para la ciudadanía es el cobro indebido de arbitrios municipales. La Defensoría del Pueblo ha recibido innumerables quejas al respecto, detectando una problemática general que se plasmó en el Informe Defensorial N.º 33 “Tributación Municipal y Constitución”, de febrero del 2000, que formuló puntuales recomendaciones para revertir esta situación.

No obstante, los problemas han subsistido, pues en diversas ocasiones se han cobrado arbitrios en base a ordenanzas municipales inválidas, que no habían sido ratificadas por la Municipalidad Provincial, o que empleaban criterios arbitrarios para determinar el “costo del servicio” prestado. Por cierto, si el vecino no pagaba venía la inmediata cobranza coactiva.

Ante la dificultad de revertir esta situación y la necesidad de fijar un precedente de trascendencia general que oriente a todas las municipalidades, la Defensoría del Pueblo presentó una demanda de inconstitucionalidad contra once ordenanzas de la Municipalidad Distrital de Surco sobre arbitrios de serenazgo, limpieza pública y parques y jardines (1996–2004). El Tribunal Constitucional ha declarado su inconstitucionalidad –eliminándolas del ordenamiento jurídico–, precisando que la potestad tributaria de los gobiernos locales para ser válida debe respetar la Constitución y sujetarse a “los límites que señala la ley”.

El Tribunal reitera que las ordenanzas distritales en materia de arbitrios deben ser ratificadas por la Municipalidad Provincial. Ello constituye un procedimiento positivo exigido legalmente que facilita la coordinación entre las municipalidades y que brinda coherencia y uniformidad al régimen tributario municipal, garantizando el derecho de igualdad de las personas y previniendo eventuales cobros ilegales o excesivos. Sólo las ordenanzas aprobadas, ratificadas y publicadas hasta el 30 de abril de cada ejercicio fiscal, tendrán efectos para el resto del año.

Agrega que la ratificación carece de efecto retroactivo, es decir, durante el periodo anterior a la vigencia de la nueva ordenanza, los arbitrios se calcularán en base al monto cobrado el primero de enero del año anterior reajustado con el Índice de Precios al Consumidor. Además, fija parámetros generales para determinar lo que razonablemente deberían pagar los contribuyentes en función de la especial naturaleza de cada servicio prestado. Asimismo, dispone que el Tribunal Fiscal en adelante deberá verificar si las ordenanzas cuentan con informes financieros y si emplean criterios válidos que guarden una razonable relación con la naturaleza del servicio. Invoca a la Contraloría General de la República a efectuar auditorías tanto a Surco como a los demás municipios, ratificando el carácter general de su sentencia.

El Tribunal no ordena la devolución o compensación de los tributos pagados en base a las ordenanzas declaradas inconstitucionales, pues entiende que ello podría producir un caos financiero y administrativo municipal. Sin embargo, deja sin efecto cualquier tipo de cobranza pendiente relacionada con las ordenanzas inconstitucionales.

alcance general pues si las municipalidades no corrigen su actuación los contribuyentes podrán acudir con éxito al Tribunal Fiscal, presentar demandas de amparo o, probablemente, habrán nuevas sentencias de inconstitucionalidad. Es hora de reflexionar y corregir errores que perjudican a miles de contribuyentes. Y es que las municipalidades pueden cobrar arbitrios, pero ellos para ser válidos no deben exceder el costo del servicio y, si se trata de ordenanzas distritales, deben ser ratificados. La necesidad de contar con ingresos municipales debe respetar la Constitución y los derechos fundamentales.

Sentencia del Tribunal Constitucional (TC) - Exp. N° 2868-2004-AA/TC. Recurso extraordinario en contra de una sentencia que deniega un recurso de amparo.

Presentación, por Samuel Abad Yupanqui:

La presente sentencia declara fundada la demanda presenta por un policía pasado arbitrariamente a retiro por haberse casado sin autorización de la institución policial y porque, además, contrajo nupcias con una persona que luego se verificaría que “no se puede definir el sexo inicial del paciente por existir plastía previa en órganos genitales. D/C: HERMAFRODITISMO”. El Tribunal considera que se trata de una sanción arbitraria y por tanto declara fundada la demanda disponiendo la reposición del suboficial cesado. Asimismo, desarrolla los alcances del derecho a casarse que, a su juicio, constituye una manifestación del libre desarrollo de la personalidad y, que por tanto no requiere de ninguna autorización previas. Además, considera que nadie puede ser sancionado por su opción o preferencias sexuales y que el demandante desconocía que su esposa antes había sido hombre y que había adulterado su nombre.

Sentencias aportadas por Samuel Abad